

ENTREVISTA / DUDA MENDONÇA

“Um marqueteiro que conta seus segredos de campanha é no mínimo mau caráter”

As idéias do novo bruxo de Lula

Anamaria Rossi e
Daniela Nahass
Da equipe do **Correio**

O publicitário Duda Mendonça, que já serviu a políticos de matizes ideológicos tão diversos como Miguel Arraes, Fernando Collor e Paulo Maluf, tornou-se, por um instante, mais que o novo marqueteiro do PT. Ao promover o lançamento de seu livro *Casos & Coisas*, em que mistura episódios de sua vida a bastidores de campanhas eleitorais, esse baiano de 57 anos travestiu-se em verdadeiro garoto-propaganda de seu candidato. É com paixão que ele fala de Luís Inácio Lula da Silva e da maturidade e coerência que vê no PT. Em entrevista ao **Correio**, Duda fala de como trocou Maluf por Lula e arrisca um palpite sobre o grid de largada da campanha presidencial de 2002: Lula, José Serra, Ciro Gomes e Enéas. Roseana Sarney? Só por erro de cálculo do PSDB.

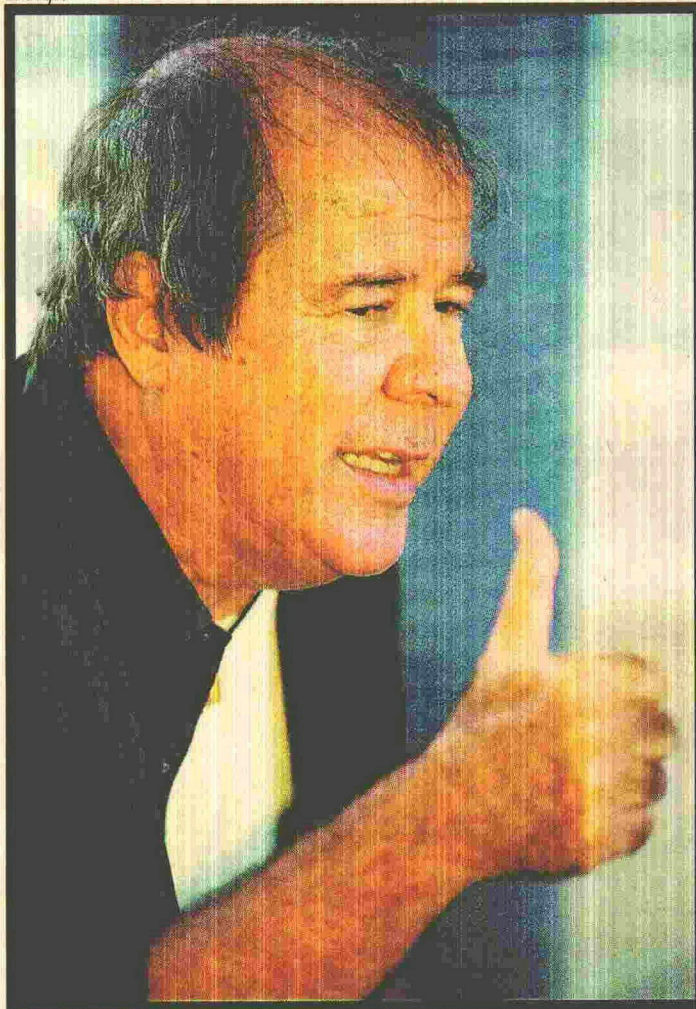
CORREIO BRAZILIENSE — Lançar um livro cheio de bastidores de campanha no momento em que o senhor assume a campanha do Lula não expõe o senhor e o PT?

DUDA MENDONÇA — Meu livro não é de revelações bombásticas. Um marqueteiro que conta seus segredos de campanha é no mínimo mau caráter. A idéia do meu livro é desmistificar o marketing político. Mostrar que o marqueteiro é uma peça importante na engrenagem da campanha, tem a capacidade de aumentar as chances do candidato, mas não é ele que decide a eleição. O que decide é momento político e o candidato.

CORREIO — Se o senhor pudesse escolher, quem seria o adversário de Lula no segundo turno?

DUDA — Se eu não posso fazer nada para escolher o candidato, eu não sofro. Lula tem que estar preparado para ganhar. Para mim, o que importa é aproximar o Lula do povo, que é só o que falta.

Luís Tajés



NO LIVRO QUE LANÇA HOJE, DUDA CONTA BASTIDORES DAS CAMPANHAS

CORREIO — O que mudou na sua visão do PT quando o senhor passou a conhecê-lo por dentro?

DUDA — Vi um PT mais maduro, mais profissional, mais objetivo, mais organizado do que eu pensava. No começo estranhei um pouco as correntes internas, elas são fortes. Mas depois comecei a ver que exatamente estas correntes é que dão equilíbrio ao PT. E a ala majoritária no partido é bem mais moderada. Ninguém é unanimidade no PT, nem o Lula.

CORREIO — O PT lhe deu carta branca para trabalhar?

DUDA — O PT não tem carta branca, não é um partido de dono. Vai haver um grupo escolhido por eles, trabalhando ao lado do meu e dando as diretrizes políticas. Estou perfeitamente afinado com o Lula. Na intimidade, ele é um sujeito descontraído, simpático, alegre. E o que eu vi em outras campanhas era carrancudo. Precisamos mostrar o Lula como ele é.

CORREIO — Não há um desgaste na imagem do Lula por causa das derrotas anteriores?

DUDA — Isso não tem a menor importância. Eu adoraria ter feito a última campanha dele, para ajeitar e colocar no pênalti.

CORREIO — Quando o senhor trabalhava para o Maluf, falava com essa mesma paixão dos ideais do seu candidato?

DUDA — Sempre entrei de cabeça na campanha, e o Maluf foi um bom candidato para assessorar. Ele ouvia muito, é inteligente. Sabe o que eu fiz? Puxei Maluf para o social. Quer voto? Voto quem dá é o povo, que é mais carente.

CORREIO — Trocar Maluf por Lula é como trocar Pepsi por Coca-Cola?

DUDA — Não existe produto. Num sabonete você muda a forma, o cheiro, o rótulo, o preço, a cor. Num candidato você não muda nada.

O Lula é conhecido, vem de três eleições. Se de repente ele aparecer diferente, não vai funcionar.

CORREIO — O senhor leva em conta a ideologia do candidato ao aceitar um convite dele?

DUDA — Se o que eu conheço deste candidato não me incomoda ao ponto de eu rejeitar a campanha dele... No caso do Maluf, foi um desafio muito grande. Minha empresa estava num ponto em que eu já tinha feito o que podia fazer no Nordeste, e eu queria ir a São Paulo eleger o cara que ninguém tinha conseguido eleger. Fui movido muito por um desafio. Depois eu me surpreendi com o Maluf. Fez uma boa prefeitura, estava a fim de acertar. Esse Maluf que eu vejo na mídia eu não conheci.

CORREIO — O senhor diz que tem medo da mídia. Ela desequilibra o jogo?

DUDA — Claro. Se um candidato já tem muito mais tempo de TV que o outro e ainda vai ter um vento soprando a favor do lado de lá, é um desequilíbrio. Nesta eleição, em que tudo indica um segundo turno entre Lula e Serra, os candidatos são bastante conhecidos e a eleição vai ser praticamente decidida no primeiro turno.

CORREIO — O senhor não considera a governadora Roseana Sarney como candidata?

DUDA — Considero. Mas não tenho dúvida de que, se o Serra tivesse se lançado candidato, ele estaria na frente dela. Ele tem mais consistência, mais exposição, tem a máquina do governo. Por erro estratégico do PSDB, ela pode acabar virando candidata. Mas no meu achômetro, o grid de largada é: Lula, Serra, Ciro e Enéas.

SERVIÇO

Lançamento do livro *Casos & Coisas*, de Duda Mendonça (Editora Globo, R\$ 28). Hoje, às 19h, no Salão Negro do congresso Nacional. A renda será doada ao Grupo de Apoio à Criança com Câncer.